

Departamento de Psicanálise da Criança

Departamento de Psicanálise da Criança

ro com
endrik teoria
e clinica

O brincar e a sua interpretação

O Espetáculo de São Paulo, 1964, do Sesi de Foz de Iguaçu, com o texto de um ensaio de Oswald de Andrade sobre a cultura brasileira.

Leaflets are sometimes closely intermingled, forming a dense, tangled mass of foliage, which is a very characteristic feature of the plant.

Alfredo Jerusalinsky

mentre do mesmo lado, a esquerda do Rio Alegre (AF 04), estão os municípios de Açupora, Lacerdópolis e Ipiranga, e o primeiro trecho do Rio Uruguai, ao do outro lado do rio, estão os municípios de diversos outros municípios do Rio de Janeiro: Araruama, Maricá, Parati, Paraty, Pádua e de Dependência da Infância, Juiz de Fora, Porto Alegre e Paraquari, e São José do Rio Preto.

31.08.07 sexta-feira
Horário: 20:30
Local: Auditório
Palestra
Materialidade da Língua

Relação pais-bebê:
Um olhar interdisciplinar
11 de outubro de 2008

Do Infantil em Psicanálise à Psicanálise de Criança

Curso de Psicoterapia Psicanalítica
Criança do Instituto Sedes Sapientiae

Alfredo Jerusalinski
O brincar e a
sua interpretação
na infância e na adolescência
significantes na vida adulta

**A Psicanálise
com Crianças na
Contemporaneidade:
Recortes Clínicos**

100 ANOS DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

Departamento de Psicología de la Crianza

...as famílias na contemporaneidade, a criança e a parentalidade



Instituto SEDES Sapientiae
Departamento de Psicanálise da Criança

Ano X Nº 20 - Agosto 2012

notícias do departamento

Notícias do Departamento
Alessandra Barbieri

6

diálogos

Nossos eventos e nosso setor de eventos
Conversa com colegas do setor eventos

10

ensaio

Notas Psicanalíticas sobre grupos, transferências e transformações

26

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

psicanálise mundo afora

Autismo e Psicanálise: notícias da França
Alessandra Barbieri

32

confira!

Cinema: *Tetro*
José Carlos Neves Machado
Espaço Psicanálise

38

Livro: *Os Três Tempos da Lei. O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*

40

Juliana Gomes Pereira

em foco

O que nossos membros estão apresentando

44

canal aberto

Conversas, Interloquções

50

Luciana Godoy e Ana Luisa Cordeiro, pela Comissão do Interloquções

Ficha Técnica

Editora Responsável
Alessandra Barbieri

Equipe Editorial
Alessandra Barbieri
Fernanda Mara Colucci Fonoff
Denise de Sousa Feliciano
Julia Eid

Planejamento
Setor de Comunicação e
Publicações do Departamento de
Psicanálise da Criança do
Instituto SEDES Sapientiae

Tiragem
350 exemplares

Distribuição
Interna

Projeto Gráfico & Design
Matt

Diagramação
Ellen Avallone

Capa
Arte sobre folders de eventos
realizados pelo Departamento



Qual a importância de um espaço que pensa e produz eventos para um grupamento comprometido com a transmissão da psicanálise da criança?

Foi com essa pergunta em mente que demos início à pauta do Diálogos desta edição. Na iminência do nosso **II Colóquio de Psicanálise com Crianças: A Transferência na Clínica com Crianças**, fomos buscar, com colegas do setor de eventos, os bastidores e as histórias desses muitos momentos de conagração que compartilhamos ao longo dos anos.

O resultado foi uma agradável conversa, na qual descobrimos, inclusive, que nossa vontade de convidar colegas de outras instituições para nos contar o que estão pesquisando e, principalmente, nossa vontade de nos mostrar e contar o que pensamos, pré-existem à formação do nosso Departamento, em 1997. Bem antes disso, já contávamos com um grupo de professores agitando os eventos do então curso de Psicoterapia Psicanalítica da Criança.

Saímos desse bate-papo com a certeza de que, não só se trabalha bastante nesse setor, como também o clima presente entre seus membros, e durante suas reuniões, é prazeroso e animado. Não à toa sua fama de festeiro.

Na esteira de encontros prazerosos, propusemos um reencontro à nossa antiga companheira de Boletim, Elsa Susemihl: revisitar seu artigo “O Grupo Psicanalítico e o Infantil em Psicanálise”, publicado em nossa extinta revista Espaço Criança, em 1996¹. Reencontro com o texto, reencontro conosco, o convite teve ainda o explícito pedido de que Elsa nos falasse mais sobre o jogo transferencial no grupo com crianças. Agradecemos a gentileza e a presteza com que ela nos atendeu. E concluindo nossa mesa-redonda de eventos nessa edição pré-Colóquio, Luciana Godoy e suas parceiras do EPW detalham um Interloquções – evento bimestral, organizado pelo EPW – que aconteceu em outubro de 2011, com a participação de Mirna Pinsky e comentários de Irmgard Birmoser de Matos Ferreira.

Em Psicanálise Mundo Afora, falamos da delicada relação entre psicanálise e autismo, pelo menos na França atual. Elisabeth Roudinesco² se pergunta: “o que aconteceu na França para que tenhamos chegado a uma situação tão desastrosa e tão distante da

¹ Espaço Criança, vol. II, nº1, agosto de 1996.

² Bulletin de la SIHPP (Société Internationale d'Histoire de la Psychiatrie et la Psychanalyse), 17 janvier 2012.

razão e da ciência?” O debate por lá segue quente, presente tanto na grande mídia quanto nos veículos especializados, o que só reforça a necessidade de nós, analistas, tanto construirmos – e desconstruirmos – incansavelmente e cotidianamente nosso saber, como também de nos pronunciarmos sobre ele. O que nos reporta novamente às preciosas e necessárias possibilidades de falarmos sobre nossas pesquisas e de escutarmos nossos colegas, quer seja nos jornais, na internet, nas salas de aula ou nos colóquios, como teremos oportunidade de fazer em breve!

Em nossas capas, a arte foi caprichada: estampas de folders e cartazes de eventos que relembram diversas épocas do nosso trabalho com eventos em psicanálise da criança.

Alessandra Barbieri

notícias do departamento

O setor eventos lembra que o **II Colóquio de Psicanálise com Crianças: A Transferência na Clínica com Crianças** acontecerá em 31 de agosto e 01 de setembro próximos. Para esse evento, receberam em torno de 60 trabalhos, de autoria, dentre eles, de professores do Departamento, colegas de outras instituições, como a USP, e pessoas de diversas regiões do país.

A estrutura do **Colóquio** está organizada em torno dos 4 eixos norteadores do evento:

A transferência fora das quatro paredes - Leda Bernardino (APC, ALI), vinda de Curitiba

A transferência na clínica com bebês - Victor Guerra (APU; CHPR; UDELAR), vindo do Uruguai

Transferência, História e Cultura - Adela S. de Gueller (SEDES, COGEAE, PUC-SP)

Transferência e clínica com crianças - Audrey Setton Lopes de Souza (SEDES, IPUSP, SBPSP)

Foram convidados 4 palestrantes que apresentarão trabalhos referentes a cada um dos eixos. Intercaladas com as palestras, acontecerão as sessões coordenadas de trabalhos. De acordo com o sucesso atingido no **I Colóquio de 100 anos de psicanálise com crianças**, sobre o caso Hans, realizado em 2009, a expectativa é de receber em torno de 180 participantes, entre autores de trabalhos e interessados em assistir e trocar experiências clínicas com crianças. Um evento desse porte tem uma grande relevância para nosso grupamento, pois torna possível a interlocução entre as diversas instituições e o nosso Departamento, além de divulgar o Sedes e o Departamento de Psicanálise da Criança como um espaço importante de produções, de estudos, de pesquisa e de trocas de experiências em psicanálise com crianças.

notícias do departamento

Mas, se em agosto próximo teremos um acontecimento de maior porte no Departamento, o primeiro semestre já contou com eventos interessantes e prestigiados:

Em 01 de junho, aconteceu o **V Encontro de Cinema e Psicanálise da Criança**, com coordenação da psicanalista e membro do Departamento Lia Fernandes. O filme escolhido foi **O Retorno**, de Andrey Zvyagintsev. Por volta de 35 colegas lá estiveram para assistir e comentar a película.

Em 29 de junho, tivemos o **XIV Encontro Sobre a Clínica com Crianças**, com a participação de **Marcia Porto Ferreira**, psicóloga, psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora e supervisora do Curso de especialização em Psicanálise da Criança, coordenadora do Grupo Acesso – Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção da Clínica Psicológica do ISS e autora de vários artigos e livros. Marcia apresentou um caso sobre encoprese e o intuito desse encontro foi também o de proporcionar um aquecimento para o Colóquio sobre transferência.

O setor eventos, responsável por ambos os encontros, avisa que eles terão edições também no segundo semestre e que, em breve, fará o anúncio das datas e temas escolhidos.

O **Interlocuções** desse semestre também foi bastante produtivo: Em 25 de abril, o tema foi “A Transferência na Psicanálise com Crianças”, apresentação de Gilca Zlochevsky, psicóloga graduada pelo Sedes Sapientiae, estagiária do Centro Alfred Binet em Paris, psicanalista formada pelo curso de Psicanálise do Sedes Sapientiae, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Os comentários foram de Lia Pitliuk, psicanalista, membro dos Departamentos de Psicanálise e de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, onde é docente nos cursos Psicanálise da Criança e Leituras Psicanalíticas do Brincar; professora e supervisora em diversos cursos de psicanálise ministrados fora de S. Paulo; co-autora de diversos livros tais como “*A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise*”, “*Psicanálise com crianças – perspectivas teórico-clínicas*” e “*Interlocuções sobre o*

notícias do departamento

feminino na clínica, na teoria, na cultura”.

Resumo do trabalho apresentado nessa ocasião:

“A estória de Cristina e a minha experiência com ela me conduziram à Teoria de Winnicott, especialmente quando o autor enfatiza que o amadurecimento pessoal depende de dois fatores: a tendência inata à integração e a existência contínua de um ambiente facilitador. A partir dessas ideias, me senti estimulada a escrever em torno das vivências clínicas que tenho tido com Cristina.” Gilca Zlochevsky

Em 27 de junho, o tema foi “A Presença da Psicanálise na Consulta Pediátrica”, apresentação de Dr. José Armando Simões Macedo, médico pediatra, formado em 1986 pela Escola Paulista de Medicina UNIFESP, residência médica em Pediatria - Título de Especialista em Pediatria desde 1989, Consultório Particular desde 1989; especialista em Homeopatia desde 1992. Membro do Espaço Potencial Winnicott desde 2002. Músico, Saxofonista, há 37 anos. Os comentários foram de Rosa Tosta, psicóloga, psicoterapeuta e supervisora, doutora em Psicologia Clínica e professora associada da PUC-SP. Especialização em Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar e Psicossomática. Responsável pela modalidade de aprimoramento clínico-institucional intitulada “Psicoterapia winnicottiana na infância e adolescência”, na Clínica da PUC-SP.

Resumo do trabalho apresentado nessa ocasião:

“Unindo minha medicina à psicanálise, inserindo a doença orgânica nos movimentos do viver comum, me permitindo um entendimento integrado do ser humano, passo a promover saúde de forma mais ampla e, não apenas, tratar doenças. A partir da postura de médico educador, a partir do ‘manejo’ das crises familiares e pessoais, o paciente e a família, cientes, podem tomar as decisões mais adequadas, de acordo com sua doença orgânica, sua forma de pensar, sua cultura, seu estilo de

notícias do departamento

vida. Surpreendentemente, o vínculo se fortalece: o vínculo que liberta!” Dr. José Armando Simões Macedo

E o curso de especialização, como de praxe, recebeu seus novos alunos, realizando, respectivamente, uma apresentação do curso, em março, com Maria José Porto Bugni (Mazé), coordenadora do curso de especialização, e Mary Ono, representante do curso junto à clínica do ISS, e uma apresentação do Departamento, em abril, com Alessandra Barbieri, coordenadora do setor de Comunicação e Publicação.

Notícias sobre os cursos ainda, o setor de extensão nos informou que, infelizmente, **Introdução à Intervenção Precoce e Winnicott: Experiência e Pensamento**, cursos de aperfeiçoamento, e **Amamentação e Psiquismo: Reflexões**, curso de expansão, não saíram esse ano. Surpreendeu-nos a carta que recebemos da Diretoria do ISS, determinando que os cursos de expansão que não obtiveram quorum não poderão mais ser apresentados, caso do **Amamentação e Psiquismo**. O setor ainda está discutindo a criação de novos cursos de aperfeiçoamento e tem conversado bastante com a CG sobre isso.

Alessandra Barbieri

Nossos eventos e nosso setor de eventos

Conversa com colegas do setor eventos

Em breve, mais um evento de grandes proporções promovido pelo Departamento: aproximadamente 60 trabalhos, previsão de 180 participantes, quatro eixos norteadores, o II Colóquio, em fins de agosto, tem tudo para repetir o sucesso do primeiro, em 2009. E o setor eventos¹, como de praxe, está à frente dessa organização hercúlea, a todo vapor, montando mesas, comunicando-se com palestrantes, checando inscrições, preparando a filmagem, arrumando o cafézinho. Nesta conversa, resolvemos matar a curiosidade e dar uma espiada em como acontece esse trabalho, como brotam as ideias, de que forma surgem os temas, como escolhem um convidado. Direto da fonte, juntamos em um mesmo Diálogos, um número recorde de entrevistados² (oito participantes ao todo, contando conosco): Bernardo e Dione, dos primeiros tempos do setor, Fernanda e Ligia, dos tempos atuais, e Lila, de tempos anteriores e tempos presentes. Partindo da deixa do acontecimento em agosto, o papo rumou para a estreita relação entre nossos eventos e a história do Departamento, para a relevância de um evento como política científica de um grupamento de transmissão de psicanálise, e, porque não, como alimento para a produção de saber. Ou seja, superou nossas expectativas. Deixou-nos também a sensação de que nossa história oral guarda riquezas a respeito do processo de maturação do saber psicanalítico do grupo de professores e, mais tarde, do Departamento, e como tal, está carecendo de melhores cuidados.

Boletim: Começamos nos dirigindo a vocês que fazem parte do grupo que compõe o setor atualmente. Às portas do Colóquio sobre Transferência, gostaríamos de nos remeter ao primeiro Colóquio³, sobre o Hans, em 2009.

Como foi bolar aquele evento e o que vocês levaram daquela experiência?

Lila: Bem, acho que sempre que falamos das origens, temos mais de uma versão. No meu

modo de entender, houve algo que acontecera antes que foi muito determinante: era uma ideia de se fazer um evento aberto, promovido pelos 3 departamentos de psicanálise⁴, no ano em que o Sedes comemorava 30 anos. Foi uma ideia minha e da Ada (Morgenstern), havíamos proposto um evento que congregasse os membros dos diferentes departamentos de psicanálise do Sedes, de forma horizontal, e que fosse, inclusive, aberto a participação de psicanalistas de outras instituições, nos moldes do Estados Gerais da Psicanálise. Não deu certo por uma série de razões, mas nós ficamos com essa semente de realizar algo mais expressivo. O que confluía com nossa vontade de experimentar outros formatos. Nós nunca havíamos feito, não é Dione, um evento aberto, de receber trabalhos de todo o Brasil. E deu muito certo: o retorno foi bem grande, recebemos muitos trabalhos. E para nós, do Departamento, e principalmente, do setor, foi muito intenso.

“Nós nunca havíamos feito (...) um evento aberto, de receber trabalhos de todo o Brasil. E deu muito certo: o retorno foi bem grande, recebemos muitos trabalhos”

Fernanda: Trabalhamos bastante. Acho que o fato de ser um evento tão diferente dos que já havíamos feito, fez com que nos colocássemos em um outro lugar para trabalhar.

Ligia: Do ponto de vista do trabalho, o setor estava em um momento muito propício: foi quando entramos Maria Engracia, Gabi⁵ e eu, recém-formadas do curso de especialização,

super animadas, sangue novo! Não tínhamos a mínima ideia do que iria acontecer! Acho que aprendemos muito ali, com a experiência mesmo, com o volume da demanda de trabalho de bastidores.

Boletim: Para esse evento, vocês acham que inovaram não somente em termos de abrir para receber trabalhos do país inteiro, mas também em termos de convidar determinadas pessoas, de determinadas instituições, com as quais,

¹ Membros da atual gestão do setor eventos: Fernanda Ferrari Arantes (coordenadora), Ada Morgenstern, Flávia Blay Levisky, Julia Eid, Leonor de Carvalho Franco, Ligia Paula Silber Rabinovitch, Maria Engracia Garcia Perez, Patricia Fraia.

² Nomes completos, em ordem alfabética, e mini-cvs, ao final do texto.

³ Colóquio 100 Anos de Psicanálise com Crianças, promovido pelo Departamento, para comemorar os 100 anos da publicação do texto “Análise da fobia de um menino de 5 anos”, em 28 e 29 de agosto de 2009.

na história do Departamento – e aí Dione pode nos ajudar – nós não tínhamos muito costume de dialogar?

Dione: Com instituições não, mas pegávamos expoentes da psicanálise em determinados assuntos para participarem dos nossos eventos. Mas nunca havíamos feito algo com a abrangência que foi feita nesse colóquio. Nós tínhamos que privilegiar os professores e ter uma pessoa de fora, até mesmo para poder ter um chamariz maior. Então sempre funcionou com esse esquema. Mas tudo isso que foi feito no primeiro colóquio, acho que foi uma conquista.

Lila: Vejo aí duas coisas diferentes: fizemos lá atrás dois eventos muito interessantes e muito fortes que foram o *Mente e Mídias* e o *Organização Familiar na Contemporaneidade*⁶. Tínhamos mesas compostas com profissionais de diferentes áreas (desde Gilberto Safra e Maria Rita Kehl, a Eugênio Bucci e Padre Julio Lancelotti), com resultados bastante interessantes. Isso não temos no Colóquio, tanto no primeiro quanto no de agora. Outra grande diferença é que, no Colóquio, você pulveriza o protagonismo: quem desejar, pode se propor a falar, bastando para isso submeter o trabalho à comissão científica. Nosso interesse é muito mais na troca do que propriamente em chamar expoentes para virem falar no nosso evento.

Ligia: Tanto naquele colóquio, como neste de agora, trabalhamos com eixos norteadores dos assuntos e, nesse sentido,

“Outra grande diferença é que, no Colóquio, você pulveriza o protagonismo: quem desejar, pode se propor a falar, bastando para isso submeter o trabalho à comissão científica. Nosso interesse é muito mais na troca do que propriamente em chamar expoentes para virem falar no nosso evento.”

os únicos convites que fizemos foram para

6 “A Organização Familiar na Contemporaneidade, a Criança e a Psicanálise”, realizado em 22 e 23 de outubro de 1999, e “Mentes e Mídia – a criança na era digital”, realizado em junho de 2000.

psicanalistas os quais gostaríamos de ouvir falar sobre determinados recortes. Reconheço também, no evento passado, isso que a Lila fala de uma horizontalidade das conversas. Tivemos um grande número de produções e isso facilitou que as pessoas transitassem entre os colegas.

Fernanda: Acho que, além de termos feito convites para psicanalistas de outras instituições, a gente também fez, e faz,

questão de valorizar a nossa prata da casa, os professores do Departamento. Então, tivemos o cuidado de sempre compor as mesas com algum de nós e com alguém de fora, assim como vamos fazer nesse próximo Colóquio.

Ligia: E tivemos também a preocupação de montar as mesas, levando em conta quem conversa com quem, sempre nos perguntando: chamamos todos aqueles que partilham de uma visão similar ou fazemos mesas com visões muito diferentes, que efeitos podem ser produzidos? Foi um trabalho bem volumoso!

Lila: E foi uma delícia...

Boletim: Bom, estamos falando do nosso primeiro Colóquio, que teve dimensões bem avolumadas, se comparadas a outros eventos que o Departamento já havia realizado. Mas gostaria de retomar uma linha do tempo e saber de vocês o que veem de diferenças – ou não – nesse espaço produtor de eventos e nos eventos em si que realizamos. E lembrar também da presença da Cecília, (Maria Cecília Comparato), que foi uma figura importante para o Departamento como um todo, com uma participação destacada na área dos eventos, uma espécie de força nos bastidores, com seus muitos contatos tanto na psicanálise quanto nas áreas afins.

Dione: Foi um longo caminho até chegarmos nos moldes de um evento como o do Colóquio do Hans. Porque o setor de eventos começou com você, não é Bernardo? E com a Audrey (Setton L. De Souza) e com a Cecília (Comparato).

Bernardo: Sim. Talvez uma coisa que seja importante destacar é que houve um processo com relação aos eventos que não pode ser desvinculado do que aconteceu com o curso de psicanálise da criança. Parece-me que a ideia de eventos tinha a ver com ir criando uma política científica para o Departamento, abrangendo dois aspectos: trazer pessoas de fora com as quais tínhamos vontade de estudar e aprender; mas também, ao se criar um Departamento, instaurar a possibilidade de que os professores do curso, e mais tarde, alunos, ex-alunos, pudessem também falar, expor suas ideias, os temas que estavam estudando, pesquisando. E isso tudo foi muito tímido, no início.

Lila: Até porque era do curso, não é Bernardo, não havia Departamento.

Bernardo: É, era do curso. Os professores estavam acostumados a falar no curso, para os alunos. Alguns, como Audrey e eu, haviam feito pós-graduação, e tinham um trânsito maior com a realização de pesquisas – o que não necessariamente implicava que tinham mais o que falar, mas seguramente mais experiência em outros espaços. Entendo que havia duas questões importantes nesse momento: o nascimento do Departamento, o que envolvia o crescimento e o amadurecimento desse grupo de professores, e também, o início da construção de uma política científica de quem convidamos para um evento, do porquê convidamos tais pessoas e não outras. E

“(...) houve um processo com relação aos eventos que não pode ser desvinculado do que aconteceu com o curso de psicanálise da criança. Parece-me que a ideia de eventos tinha a ver com ir criando uma política científica para o Departamento...”

com isso, ajudávamos também o crescimento e o amadurecimento do curso, do Departamento, mostrando o quê aquele curso tinha como proposta, o quê aquele grupo de professores tinha a dizer sobre a psicanálise de criança, quem eram nossos interlocutores, que cara queríamos mostrar para fora; a meu ver, tudo isso estava envolvido com a questão de eventos. Era um programa de desenvolvimento científico e amadurecimento institucional, digamos. E acho que essas questões perduram até hoje.

Lila: Tivemos um primeiro evento que foi realizado somente com professores do Departamento, o Recortes Clínicos⁷; depois, em 2006, um segundo, com alguma participação de membros do Departamento e não somente professores, que foi o Extensão da Clínica⁸. Esses foram eventos inteiros sem ninguém de fora. Para se gestar isso, Bernardo, na época, foi um processo grande, não sei Dione se lembra...

Dione: Claro, eu entrei no setor de eventos muito antes, logo no início, em 1995, e lembro-me que, nessa época, tudo o que fazíamos tinha que ser reportado à CG (Coordenação Geral do Departamento). Não sei como está hoje.

Fernanda: Hoje vejo que estamos sempre em diálogo com a coordenação geral, na verdade, mais compartilhando o que pensamos, o que decidimos. Essa troca acontece mensalmente na CG.

Lila: É, estamos falando de épocas diferentes dentro do Departamento, e de posturas diferentes também. Eu entrei para o setor em 2004. Já Dione e Denise⁹, que ficaram também muito tempo na coordenação do setor, pegaram um outro tempo de Departamento, foi mais no começo, já que viramos um Departamento em 1997.

Bernardo: Os primeiros eventos foram mais tímidos. O primeiro de maior dimensão foi “Do Infantil em psicanálise à psicanálise com crianças”¹⁰, que tinha a ver com nosso diálogo com a Silvia Bleichmar, lá do começo. Ao mesmo tempo, nessa época, estávamos montando também, Audrey e eu, o curso de expansão “Psicanálise com Crianças: a Constituição de um

⁷ “A Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Recortes Clínicos”

⁸ “Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Extensões da Clínica”, evento promovido pelo Departamento em 2006.

⁹ Denise de Sousa Feliciano

¹⁰ Evento promovido pelo Departamento em outubro de 1995.

Campo”, que damos até hoje. Nós éramos muito poucos e estávamos construindo o que pensávamos ser a constituição de um campo de análise de crianças e a noção conceitual do infantil. Era uma tentativa inicial de como é que a gente cria um campo de diálogo nesse universo tão plural, que engloba Melanie Klein, Winnicott, Dolto. Queríamos entender como criar um campo de diálogo entre esses recortes. Por isso que minha visão de eventos em psicanálise sempre foi de política científica.

Boletim: Isso foi quando?

Bernardo: Em 1995.

Lila: Nessa época, quando realizamos esse evento sobre o Infantil, a Cecília (Comparato) era uma figura muito forte no setor de eventos. E, principalmente,

mais tarde, na elaboração dos dois eventos que se transformaram em livros, o A Organização Familiar na Contemporaneidade, a Criança e a Psicanálise, e o “Mentes e Mídia”.

Bernardo: É, esses foram eventos posteriores, com um diálogo maior com pessoas de fora. Em um deles veio a Maria Rita Kehl, a Bel Kahn.

Boletim: E também pessoas que não eram psicanalistas, falando de temas afins, como o Eugênio Bucci, o Norval Baitello.

Lila: O padre Julio Lancellotti, lembro do título da mesa dele: “A criança de casa e a criança da rua”. Acho que é importante retomar algo que a Dione falou: nessa época, o curso, e não só a CG, tinha uma influência muito grande no setor eventos.

“Nós éramos muito poucos e estávamos construindo o que pensávamos ser a constituição de um campo de análise de crianças e a noção conceitual do infantil. Era uma tentativa inicial de como é que a gente cria um campo de diálogo nesse universo tão plural, que engloba Melanie Klein, Winnicott, Dolto.”

Lembro-me que discutíamos os nomes de todas essas mesas em reunião de curso. O que hoje fazemos no setor, e temos completa autonomia, naquela época, passava pela CG, mas passava até muito mais pelo curso, pela discussão com os professores. **Bernardo:** Claro, porque o Departamento era o curso. E nós nos perguntávamos: vamos criar um departamento? Será que temos massa crítica para criar um departamento? Temos número de ex-alunos suficiente para compor um departamento? O que é muito diferente da realidade atual. Quer dizer, no nosso curso, a entrada da Psicanálise, forte mesmo, não era ainda tão forte. Era um curso voltado para a clínica com crianças, mas a entrada da Psicanálise tinha se dado havia pouco tempo. A implantação do curso de Psicanálise com Crianças, a mudança do nome, tudo isso foi chegando aos poucos, então o Departamento foi crescendo ao longo desses anos. Por isso, acho que o Colóquio é a expressão maior desse crescimento.

Dione: E o setor de eventos caminhou paralelo à criação do Departamento.

Lila: Na verdade, ele preexistia ao Departamento. Quando fundamos o Departamento, o setor teve um lugar oficial. Porém, já gozava de uma certa autonomia porque já contava com muitos quilômetros rodados. Mas não deixava de ser muito atravessado, ainda que extra-oficialmente.

Ligia: Acho interessante pensar isso hoje, onde o setor é um exemplo bem sucedido da sucessão de gerações, a coordenação não é mais de um professor. Claro que contamos muito com a presença dos professores que lá estão.

Lila: É, mas temos aí, nesse exemplo, a autonomia de fato. Outro ponto a ressaltar é que as reuniões do setor sempre tiveram um certo tom festivo, o que, de fato, um evento acaba promovendo também: uma congregação entre os colegas, um festejar

“(...) o setor é um exemplo bem sucedido da sucessão de gerações, a coordenação não é mais de um professor. Claro que contamos muito com a presença dos professores que lá estão.”

estar junto. A gente tem muitas intenções com os eventos: que haja um debate teórico, um aprendizado, uma troca, elaborações, mas o que a gente tem certeza que se realiza, de fato, é o encontro, é uma abertura de pensamento; circula-se mais entre os colegas, conhece-se o que estão pensando. Temos, depois, um rendimento interno disso, algo que vai para além do que acontece ali, no momento. Entendemos que muito se realiza também na comemoração também, nos bons encontros.

Boletim: Acho curioso que esse setor, fora o setor curso, seja o que mais tenha participantes.

Fernanda: E temos mais ex-alunos do que professores.

Ligia: E é uma maneira de inserção no Departamento muito gostosa, sempre falo isso para as pessoas que estão terminando o curso, para que venham para o setor. Além de tudo, trabalhamos muito bem, mantemos nossa reunião quinzenal, mas claro que na iminência do II Colóquio, também nos falamos muito via email, torpedo, Facebook, por conta do grande volume de trabalho. É um lugar de inserção muito prazeroso.

Boletim: Podemos dizer que esse é um setor que está sempre girando em torno do Departamento, no sentido de suas programações estão sempre de olho no momento do Departamento, no que seus professores estão produzindo, etc. Mas como se virar no meio das tais diferenças entre linhas, pensamentos, modos de enxergar a constituição do sujeito? O que se faz com essa profusão de línguas em um momento de planejamento de um evento, uma vez que, parece, é uma marca da clínica com crianças, não tem como fugir disso.

Dione: É, não tem como fugir disso, naquele tempo já percebíamos que não havia como fugir disso, teria que haver uma pluralidade no tratamento com a criança. É plurifacetado: tem que ter o pediatra, o professor, a mãe, e procurávamos trazer essa

pluralidade.

Fernanda: E uma preocupação que continuamos tendo no momento de escolher nossos convidados é de sempre chamar pessoas que trabalhem com crianças, efetivamente. Assim, reforçamos o trabalho com crianças do Departamento. Nossa busca é para pessoas que possam falar da clínica com crianças.

Lila: Essa pluralidade do curso é meu bem, meu mau: temos extremo apreço por essa pluralidade, o fato é que uma conversa mais aprofundada e elaborativa entre abordagens distintas é mais difícil, uma vez que, no plano das articulações teóricas, tem-se eixos que apresentam conflitos entre si. Então, para que de fato aconteça um evento, temos sentido que conseguimos exposições que convivem bem e pessoas que conversam, mas não que de fato a gente consiga nos eventos articulações teóricas, digamos. Por isso, no último evento, sobre as organizações familiares¹¹, buscamos aquele formato um pouco diferente, em que se expunha um caso e, a partir dele, a conversa acontecia. Em torno do caso, me pareceu que as trocas se deram de uma forma mais fluida e possível.

Bernardo: Vale a pena aprofundarmos esses tópicos: sobre essa questão do pluralismo, lembrei-me do que André Green estava fazendo ultimamente. Green, que faleceu neste ano, convocou, nos últimos dez anos, um número enorme de psicanalistas, na França, de diferentes vertentes teóricas. Ele vinha trabalhando com o que ele chama de **psicanálise contemporânea**, algo que seria mais ou menos assim: bem, houve uma época, digamos, entre 1940 a 1980, que prevaleceu a era das escolas, na qual cada qual desenvolvia o seu caminho, separadamente, e havia uma espécie de doutrina a ser seguida em cada uma; atualmente, essa posição não se sustenta mais, há mudanças que estão acontecendo em relação a pensar os afetos, a linguagem, e isso em todas as linhas. Não há mais isso de uma linha pensa linguagem e a outra não, uma pensa o Real e a outra Imaginário. Essa polarização simplista obedece, ao meu ver, a motivações políticas e de mercado, mais do que científicas. O foco seria como é que tudo isso dialoga entre si, como é que se cria

um campo, em um momento em que a Psicanálise está sendo muito atacada pelas terapias cognitivas, pela psiquiatria, as crianças estão sendo medicalizadas.

Boletim: E qual o papel dos eventos em torno disso?

Bernardo: Os grandes eventos nos ajudam a ver o que está acontecendo no mundo da psicanálise. Acho que eles têm um papel importante nesse contexto. No nosso caso, no curso de especialização, temos os seminários dos diferentes autores, e os alunos fazem suas costuras, na medida do possível. Mas, do ponto de vista de uma política científica do Departamento, de como o Departamento se situa no campo da psicanálise, aí são os eventos e, mais precisamente, o tipo de evento que se organiza que vão dizer um pouco o que o Departamento está pensando sobre como tratar essas questões.

Dione: Eu queria lembrar que também instauramos uma faceta para dentro do Departamento que foram as Jornadas Internas: paralelamente ao que se fazia nesses eventos de maior porte, internamente começamos a promover encontros para que os alunos mostrassem seus trabalhos.

Fernanda: É, as três primeiras Jornadas do Departamento contaram com muitas participações, tanto de apresentações quanto de alunos que estavam assistindo, prestigiando essa troca com os colegas. Mas depois disso, tivemos um declínio tanto de público quanto de trabalhos enviados.

Lila: Acho que precisamos escutar um pouco mais o que acontece com os alunos porque, por exemplo, na Jornada que seriam em maio agora, e que não aconteceu, sabemos que houve um empenho do setor para que os alunos do ano passado apresentassem suas monografias, mas só foram inscritos dois trabalhos. E para fechar o quadro, na do ano passado, tivemos apresentações interessantes mas não tivemos público, a maioria era professor.

Boletim: Só gostaria de pegar carona no que a Lila falou e perguntar, vocês acham que precisamos escutar mais os alunos?

Bernardo: Quanto a isso da participação das pessoas em eventos, acho que houve uma mudança nos últimos anos muito forte com o crescimento dos espaços universitários, a pós-graduação, os cursos de especialização. Trabalhamos muito para dizer: o curso de psicanálise da criança é um curso de psicanálise com ênfase em psicanálise com crianças: estuda-se Freud, mas também

Klein, Winnicott, então o aluno se forma psicanalista. Fomos crescendo, com um engajamento forte dos professores, que culminou com o evento anterior ao I Colóquio. Deixamos de ser o “curso das crianças”. Antes, no Sedes, éramos vistos como a cria do curso de Psicanálise. Foi como se, naquele momento, tivéssemos atingido uma maioridade. Houve um grande salto, acho. Mas é um salto que é preciso sustentar.

Boletim: Daí também valorizar a prata da casa, como disse Fernanda?

Bernardo: Sim, insisto que um evento não é só quem você traz, mas os professores, os alunos, os membros, todos poderem participar. Uma coisa que eu questionava muito – e ainda questiono – era: é interessante convidar alguém que tem uma estatura, mas sobretudo, alguém que, futuramente, possa reconhecer-nos como maiores de idade. Porque senão ficamos no consumo do que o outro produz e não vamos para

“Uma coisa que eu questionava muito – e ainda questiono – era: é interessante convidar alguém que tem uma estatura, mas sobretudo, alguém que, futuramente, possa reconhecer-nos como maiores de idade. Porque senão ficamos no consumo do que o outro produz e não vamos para a maioridade.”

a maioria.

Boletim: Mas fugimos da questão dos alunos...

Bernardo: Acho que essa diminuição de público não acontece somente conosco, há questões que tem a ver com o campo da psicanálise. Como o nosso assunto, psicanálise da criança, é um recorte mais específico. Outro tema a ser avaliado é o crescimento das terapias comportamentais, cognitivas, que estão cada vez mais em voga. É um conjunto de elementos que vão fazendo as resistências à clínica psicanalítica e à demanda por formação.

Lila: Queria retomar a questão que vocês levantaram, se estamos precisando escutar mais os alunos. Acho que sim. Poderíamos propor um segundo momento de encontro com os alunos, após a apresentação do Departamento para o primeiro ano do curso, aí já no segundo semestre, mas mais de escuta e não mais de apresentação.

Boletim: É importante não perder de vista de que forma nós, como setores que representam espaços dentro do Departamento, como conseguimos, cada vez com maior propriedade e maior nitidez, dar essa noção de que adentraram um Departamento.

Lila: E entendendo que esses espaços são necessários para a formação, não somente o curso. Concorro com o que Bernardo diz: acho que a expectativa não é que fique todo mundo mas que fiquem pessoas interessantes e interessadas.

Bernardo: E que as pessoas tenham vontade de se ouvir. Acho que uma questão interessante de se desenvolver em sala de aula é que os alunos não fiquem com o ouvido só ligado ou no professor, ou no palestrante, mas que os pares tenham vontade de se ouvir. Então, o que vocês estão falando e pesquisando, das monografias, a gente tem que ter vontade de ouvir o que o colega está falando, e ser ouvido não pelo

professor mas pelo colega. Acho que essa é uma mudança de postura. Mas não acho, de novo, que é somente no Departamento. Acho que isso acontece no mundo. E criar um clima em que as pessoas desejem escutar e falar para seus pares, querer trocar, acho que isso é importante.

Ligia: Percebi essa troca no nosso primeiro colóquio. Aliás, para mim, essa é a essência de um evento é: onde a gente tem vontade de ir, ouvir, conversar, comer, circular.

Lila: E eu lembraria aí que os espaços menores, como o Cinema e Psicanálise e a Jornada Interna são dois espaços muito gostosos, que temos conseguido aproveitar bastante.

Ligia: Em termos de maioria, como foi dito aqui, percebemos a presença de colegas de outros departamentos do Sedes que vêm e vêm conversar muito tranquilamente conosco. Então isso é muito legal em termos da tal maioria.

Boletim: Mas que também há uma intenção do setor eventos, que não percebo em outros departamentos, de convidar pessoas de outros departamentos para participarem das apresentações.

Ligia: É, é verdade, temos bastante.

Bernardo: Acho que nosso Departamento consegue dialogar mais com o diferente, com o outro.

Boletim: Eu diria que é menos fóbico.

Bernardo: Sim, concordo. E os outros departamentos no Sedes têm uma história de cisões que nós não temos. E em torno das questões da psicanálise com crianças, no nosso Departamento, temos, por exemplo, o Grupo Acesso, que são dois departamentos trabalhando juntos. E aí, volto ao tema da psicanálise contemporânea:

acho importante ver quais heranças carregamos, como na própria história infantil de cada um, e perceber como a gente fica apegado a essas histórias. Talvez haja um tempo de começar a rever histórias e perceber que algumas já foram perdendo o sentido. Outras não. Nosso Departamento é mais livre nesse sentido, mais acolhedor das diferenças, em alguns aspectos.

Lila: Por outro lado, eu estava lembrando dos Recortes Clínicos, que aconteceu em 2004, e hoje, 8 anos depois, o que considero pouco tempo, o Departamento percorreu um caminho que é como se hoje estivéssemos falando assim: “venham, já temos um espaço para oferecer! Temos muita coisa boa! Alunos, podem vir que a gente segura a onda”. Então, essa nossa inquietação, a falta que sentimos, talvez seja um pouco correlata de uma certa expectativa que temos porque agora temos um lugar.

Boletim: Para finalizar essa conversa tão importante em termos de história do Departamento, como estão as expectativas para o evento em agosto?

Ligia: A expectativa para o Colóquio, em agosto, é de muito suor: recebemos muitos trabalhos bons, mais de sessenta, de pessoas de fora do estado de São Paulo, e de outras instituições aqui da cidade de São Paulo.

Fernanda: A expectativa é que ela seja um evento tão bom quanto o do Hans: que possamos mostrar nosso trabalho, receber os de fora, promover essa troca. E que venham outros colóquios no futuro!

Bernardo Tanis, psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicanálise da Criança do ISS; foi professor do Curso Teoria Psicanalítica da PUC-COGAE, ex-Diretor de Comunidade e Cultura da Federação Psicanalítica Latino-americana (2007-2008), editor da Revista Brasileira de Psicanálise (2010 até a presente data); autor de *Memória e Temporalidade – Sobre o Infantil em Psicanálise; Circuito de Solidão: entre a clínica e a cultura*; co-autor de *O Livro de Ouro da Psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*; co-organizador de *A Psicanálise nas tramas da cidade*; autor de trabalhos e capítulos de livro sobre Psicanálise.

Dione Maria Pazzetto Ares, médica e psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise da Criança do ISS.

Fernanda Arantes, psicóloga, especialista em psicanálise com crianças, membro do Departamento de Psicanálise da criança do ISS, coordenadora do setor de eventos do mesmo Departamento, mestranda em psicologia pelo IPUSP.

Ligia Paula Silber Rabinovitch, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise da Criança do ISS. Historiadora, psicanalista, especialista em psicanálise da criança pelo Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae; membro do Departamento de Psicanálise da Criança; analista do *Grupo Acesso - Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção* da Clínica Psicológica do Sedes; terapeuta cadastrada da Clínica Psicológica do Sedes.

Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila), psicanalista, membro dos Departamentos de Psicanálise e Psicanálise da Criança do ISS, professora e supervisora do curso de especialização em Psicanálise da Criança do ISS.

Notas Psicanalíticas Sobre Grupos, Transferências e Transformações

Elsa Vera Kunze Post Susemihl¹

Agradeço o convite do BOLETIM! Ocuparei este espaço com reflexões a respeito do tema do próximo Colóquio do nosso Departamento: a transferência na clínica com crianças. O convite foi feito a partir de uma publicação de 1996 que fiz na nossa antiga revista, *Espaço Criança*, *O grupo psicanalítico e o infantil em psicanálise*.

Retomo neste breve ensaio ideias que desenvolvi ali sobre psicanálise no *setting* grupal e com crianças, chamando a atenção para uma particularidade da transferência nestes casos, e complemento com reflexões sobre o conceito de transferência a partir de alguns vértices teóricos diferentes.

Ocupei-me então com a possibilidade de um trabalho psicanalítico em um *setting* grupal e com uma concepção teórica e clínica sobre ele. Iniciei o trabalho ressaltando que a descoberta da psicanálise se deu em um campo transferencial que se apresentou em um vínculo terapêutico, isto é, ao longo do trabalho de uma dupla. A elaboração clínica e teórica voltou-se por muito tempo principalmente para a mente e o inconsciente de um indivíduo isolado, do analisando, ainda assim a presença do outro, do analista, sempre foi imprescindível para este conhecimento. Adendo a esta ideia outra expressa por Freud na introdução de *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), quando indica a dificuldade em se pensar o indivíduo abstraindo-se dele seu grupo: "(...)desde o começo a psicologia individual (...) é ao mesmo tempo também psicologia social", ideia que muito cedo nos indica a direção de muitos desdobramentos futuros da psicanálise. Sigo ainda com Freud, lembrando seu texto *Totem e Tabu* (1913), no qual nos mostra a origem do sujeito psíquico no seu entrelaçamento profundo com a origem do social, aqui pensada filogeneticamente, quando o sujeito nasce como tal no ato inaugural da cultura. Mas que pode ser visto também ontogeneticamente ao observarmos o bebê que só se desenvolve física e psiquicamente a partir de sua relação com o outro, com a mãe (o social, a cultura).

Bion, um autor que nos deixou um belíssimo estudo psicanalítico sobre o funcionamento grupal, o resume da seguinte forma: "Toda pessoa que tenha empregado uma técnica de investigação que depende da presença de duas pessoas,

¹ Psicóloga, psicanalista, membro Departamento de Psicanálise da Criança, Professora do curso de Especialização de Psicanálise da Criança e dos cursos de extensão "Leituras Psicanalíticas do Brincar" e "Psicanálise da criança: configuração de um Campo".
Membro efetivo e docente da SBPSP e membro da IPA.

e a psicanálise é uma técnica dessas, pode considerar-se como alguém que não somente está participando da investigação de uma mente por outra, mas também está investigando a mentalidade tanto de um grupo como também de uma dupla" (Bion, 1961).

Tendo esclarecido que o dispositivo grupal se presta ao estudo de fenômenos concernentes ao campo psicanalítico surgem inúmeras questões a respeito do seu manejo clínico, de como podemos pensar o trabalho psicanalítico com pacientes em grupo. E aqui chegamos ao tema da transferência no trabalho com crianças e com crianças em grupo.

Há mais de cem anos, quando Freud se deu conta da importância deste fenômeno clinicamente, a transferência foi por ele descrita em um campo que abarcava principalmente as neuroses. Assim ela foi definida como uma repetição, na análise com o analista, de padrões de relacionamento emocional com os objetos primários e figuras do passado. Geralmente relações problemáticas, neuróticas ou traumáticas, que foram recalçadas e passavam então a serem atuadas no presente da relação analítica. Sua condição sintomática era impeditiva de um simples esquecimento ou lembrança. Falamos aqui de pacientes neuróticos que apesar do sofrimento e da sintomatologia apresentavam uma estrutura psíquica desenvolvida, um aparelho psíquico estruturado em consciente e inconsciente, e um processo de recalque, censura e resistência em andamento.

Nesses anos que nos separam destas concepções originais de Freud novos campos clínicos e teóricos foram sendo conquistados pela psicanálise o que por sua vez também levou a reformulações dos conceitos originais, às vezes levando a um grande esgarçamento dos mesmos. Tratei em detalhe deste tema em outro lugar (Susemihl, 2008), mas pinçarei aqui algumas ideias que nos ajudam a pensar a transferência no trabalho com crianças.

Como é possível transferir um passado, quando no caso das crianças este passado, a relação com os objetos primários, ainda é presente? Cito então Klein, a desbravadora do campo da psicanálise com crianças, em cujo trabalho gradualmente se desenvolve uma noção de transferência diferente daquela descrita por Freud e à qual ela passa a chamar de 'situação transferencial'. Resumidamente Klein entende que na análise de crianças e também de adultos o sujeito transfere a relação que tem

com os objetos internos no seu mundo interno para os diferentes objetos do mundo externo, ou seja, a transferência é do mundo interno atual para toda a situação analítica, que compreende a totalidade dos eventos emocionais em jogo no seu encontro com o analista. O passado está presente nestas relações objetivas internas e, neste sentido, apresenta-se diretamente nesta transferência. A partir deste alargamento no campo, Klein trouxe para a clínica psicanalítica e para a 'transferência' o mundo da psicose. A busca por um passado e uma história é menos importante do que a análise das relações objetivas atuantes no presente, elas próprias entendidas como o passado vivo e aquele que precisa ser pensado.

Mais um passo importante foi dado por Bion (1962) quando desenvolve o potencial comunicativo presente na concepção de identificação projetiva descrita por Klein. A partir da sua clínica com psicóticos faz um minucioso estudo do funcionamento da personalidade psicótica, mostrando como neste caso é necessário pensar além dos conteúdos psíquicos da mente passíveis de recalque e interpretação, mas também é necessário considerar a própria construção do aparelho psíquico para pensar os pensamentos. No funcionamento de personalidade psicótica não há um aparelho psíquico estruturado em um consciente separado de um inconsciente por uma censura, capaz de conter e recalcar pensamentos. Ao contrário, estamos diante de um aparelho psíquico com contornos de muita permeabilidade que contém conteúdos não suficientemente trabalhados ou 'digeridos' pela função alfa para se tornarem conscientes ou inconscientes, mas que antes funcionam como conteúdos próprios para serem expelidos da mente criando um mundo alucinatório e um modo concreto e delirante de pensamento próprio do mundo psicótico.

Neste sentido, Bion (1965) em um estudo aprofundado sobre observação em psicanálise passa a falar das diferentes modalidades de transformação que o paciente faz da realidade na qual vive. Um caso particular destas é a transferência tal qual Freud a descreveu, aqui chamada de 'transformação em movimento rígido'. Uma outra possibilidade é a 'transformação projetiva', mais apropriada para descrever o que ocorre no contato com o paciente dominado pelo funcionamento psicótico e pelo uso excessivo da identificação projetiva. Bion lança luz sobre a relação emocional profunda em andamento na dupla analista-analisando, mostrando como o analista está imerso no próprio campo observacional. Este fato uma vez observado abre

muitas questões novas e importantes teoricamente e na clínica, na medida em que o analista deixa de se colocar em uma posição confortável, exterior ao campo de observação, mas agora se vê dentro e imerso na experiência emocional da qual faz parte. A transferência não é mais vista como um processo que incide sobre uma pessoa neutra, mas é parte de um interjogo extremamente dinâmico de identificações projetivas cruzadas, que o analista através da sua função alfa 'digerir' e devolve ao analisando.

Guiando-nos pelos autores que escolhi por darem importantes contribuições para o desenvolvimento da psicanálise e que resultaram em desenvolvimentos também conceituais, podemos notar então que os diferentes sistemas conceituais referem-se e fazem sentido nos diferentes campos de observação presentes. Apoio-me agora na contribuição de um autor já conhecido dos leitores deste BOLETIM pelo *Diálogos* que fiz com Ester Sandler sobre ele (ver *Diálogos*, ano VI, n. 13, 2008), Antonino Ferro (1997), quando propõe tratar estas diferenças conceituais não como excludentes, mas, ao contrário, como aproximações a partir de vértices diferentes, cada um deles podendo ser útil e em evidência em determinada situação clínica. Ele se refere à transferência tal como Freud a descreveu como o vértice da História, à 'situação transferencial' descrita por Klein como sendo o vértice do Mundo Interno, e às ideias de Bion como o vértice da Relação.

Como pensar estas reflexões no grupo psicanalítico?

O vértice da História, ou a transferência tal qual Freud a definiu, empobrece o dispositivo grupal por estar muito voltado ao indivíduo, seu passado, sua transferência – a sua aplicação ao grupal resultaria em um trabalho individual em grupo. O mesmo poderia ser dito a respeito do vértice do Mundo Interno, caso ele fosse tomado somente pela transferência individual de cada participante na situação de grupo.

No entanto, a partir das contribuições de Bion (1961), aprendemos que em um grupo, principalmente em um grupo psicanalítico que mantém algumas regras básicas, o indivíduo participa involuntariamente de certas configurações grupais típicas, os 'pressupostos básicos', que são defesas grupais diante de ansiedades muito primitivas despertadas por essa mesma experiência grupal. A participação nessa 'defesa coletiva' não se dá por uma escolha consciente do indivíduo, mas

ele se vê compelido inconscientemente a participar do movimento grupal. Bion indica um tipo de funcionamento muito arcaico originário da nossa condição de ser gregário. Penso então que: “O analista teria como função estar atento ao jogo transferencial que se estabelece no campo grupal, explicitando-o sempre que for possível no sentido de propiciar experiência e conhecimento. O grupo passa então a ser cultivado como espaço possível de encenação de dramas e cenas, bem com de reintegração de experiências emocionais significativas. Na medida em que ele se torna um espaço capaz de conter angústias fortes e transformá-las em experiências significativas emocionalmente, torna-se também um parâmetro/modelo para o ego. A introjeção desta experiência grupal fortalece o ego dos participantes, preparando-o para sua tarefa básica, qual seja, dominar a angústia e logo apurar o contato com a realidade”.(Susemihl, 1996).

Neste mesmo trabalho ressalto ainda uma particularidade transferencial grupal por mim estudada em outro lugar (1996), a de que há no trabalho com grupos uma transferência em relação a um objeto-interno-grupo, quando o grupo externo real passa a ter um correspondente interno psíquico que denomino objeto-interno-grupo. “Essa representação interna do grupo como um todo seria a introjeção da experiência emocional grupal sob a égide de um funcionamento mental regredido e primitivo, sendo que este objeto-interno-grupo sofre desta forma em termos da realidade psíquica as mesmas vicissitudes de tantos outros objetos internos” (1996).

E ainda:

(...).considero a transferência do indivíduo com essa representação do grupo como um todo, com este objeto-interno-grupo, a crença neste algo impessoalmente constituído e do qual é esperado algum tipo de realização, de fundamental importância teórica e técnica no trabalho analítico com grupos...o que distingue e particulariza estes momentos é que a relação do indivíduo com o grupo não mais se encontra desenvolvida o suficiente para que possa ser personalizada ou individualizada, isto é, pensada em termos de relação interpessoal entre indivíduos discriminados e separados. A regressão, dada pelas fortes ansiedades psicóticas despertadas no contato não diretivo, ansiedades de perda da individualidade, de fragmentação e de despersonalização, vividas como forte ameaça à integração do ego, levam o indivíduo de volta a uma relação na qual as diferenças entre interno-externo, sujeito-objeto, eu-outro não são precisas nem objetivas. A relação objetal é parcializada e cindida com o propósito de proteção dos ataques e ameaças reais ou fantasiados (...) sendo que a relação primordial

estabelecida é com algo representado como grupo, e que vai se constituindo num objeto-interno-grupo. Através da elaboração no grupo deste objeto-interno-grupo é propiciada ao indivíduo a possibilidade de uma integração e de desenvolvimento.

(Susemihl, 1996)

Acrescentaria ainda ao final que o trabalho em um *setting* grupal pode propiciar um espaço no qual as ansiedades e conflitos das diferentes crianças possam receber abrigo, e na medida em que brincam, inventam, fantasiam, criam, elas podem juntas construir novas narrativas (Ferro) através do exercício da função alfa, ‘digerindo’ seus medos, conflitos e angústias, introjetando esta experiência, se desenvolvendo e desenvolvendo seu aparelho mental para pensar.

Para continuar a conversa: esusemihl@gmail.com

Referências bibliográficas:

- Bion, W. R. (1961) Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 54 e 129.
 Bion, W. R. (1962) Learning from experience. London: Heinemann Medical Books.
 Bion, W. R. (1965) Transformations: Change from learning to growth. London: einemann Medical Books.
 Ferro, A. (1997) Na sala de análise. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
 Freud, S. (1921) Psicologia de grupos e análise do ego. Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de S.F., v. XVIII, p. 81. Rio de Janeiro: Imago.
 Freud, S. (1913) Totem e Tabu, Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de S.F.,v. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
 Susemihl, E. V. K. P. (1996) O grupo psicanalítico e o infantil em psicanálise, in Revista Espaço Criança, v. II, n. I. São Paulo: Curso de Psicoterapia Psicanalítica da Criança, Instituto Sedes Sapientiae.
 Susemihl, E. V. K. P. (2008) Sobre transferências e transformações, in Jornal de Psicanálise, v. 41, n. 75. São Paulo: Instituto de Psicanálise da SBPSP.
 Susemihl, E. V. K. P. (1996) The group as an idealized internal object. In International Journal of Group Psychotherapy, 46 (3), 1996, pp. 425-431.

psicanálise mundo afora

Autismo e Psicanálise: Notícias da França

Alessandra Barbieri

“A falta de dados sobre a sua eficácia e a divergência nas opiniões emitidas não permitem concluir a pertinência das intervenções fundadas sob a óptica psicanalítica”. É dessa forma que a Alta Autoridade de Saúde (HAS – Haute Autorité de Santé), na França, se pronunciou sobre as recomendações para o tratamento do autismo, em um relatório vindo a público em 8 de março de 2012.

A mais alta instância sanitária francesa, como a define o jornal francês *Libération*, fechou as portas à psicanálise no que diz respeito ao tratamento do autismo. De Bruno Bettelheim a Françoise Dolto, de Lacan a Maud Mannoni, o jornal aponta que a psicanálise, na França, sempre teve um lugar chave na tentativa de compreender esse quadro enigmático. E então, conclui, a psicanálise, teoria da palavra, se vê condenada ao silêncio.

A HAS recomenda ainda, para os casos diagnosticados como autismo, que “se iniciem as intervenções antes dos 4 anos de idade, e que elas sejam personalizadas, globais e coordenadas, fundadas sobre um aporte **educativo, comportamental e desenvolvimentista**.”

As reações, pode se imaginar, foram contundentes. “É como se houvesse sido decretado o fim do inconsciente”, dizem alguns psicanalistas nos veículos de comunicação franceses, classificando o relatório de “arcaico”, “catastrófico”, “revisionista”.

É importante que se diga que o autismo recebeu do governo francês o título de “A Grande Causa Nacional de 2012”. Desde então, associações de pais de crianças autistas promovem uma campanha sob o tema “a guerra contra a psicanálise está declarada”. Muito presente na mídia, ataca o tratamento psicanalítico de crianças autistas, dizendo, a grosso modo, que ele é ineficaz, não propondo uma melhora do quadro, de fato. A partir dessa campanha, foi depositada, em 12 de janeiro de 2012,

psicanálise mundo afora

uma proposta de lei, de autoria de Daniel Fasquelle, deputado de Pas de Calais, que estipula que “as práticas psicanalíticas, sob todas as suas formas, devem ser abandonadas no acompanhamento das pessoas portadoras de autismo”. À frente dessa campanha, estaria Vincent Gerhards, presidente da associação *Autistes sans Frontière* (Austistas sem Fronteiras).

Na grande mídia, fonte de minha pesquisa para este texto, na maioria das reportagens sobre o assunto, os psicanalistas são acusados de pouco ou nenhum diálogo, surdos aos achados da genética e das neurociências sobre o autismo. Junto a isso, representantes de associações de pais de crianças autistas, como a citada acima, vêm a público mostrar sua indignação com a culpabilização que sofrem, por parte dos profissionais de orientação psicanalítica, pelo quadro apresentado por seus filhos.

Reconhecem-se aqui ecos da requeitada disputa de território que opõe psicanalistas e representantes do comportamentalismo e das neurociências, vitaminada pelo imediatismo pós-moderno. O autismo seria então o campo de batalha da vez (vide “O Livro Negro da Psicanálise”, lançado na França, em 2005). Porém, só vale a pena comprar a briga se nos posicionamos, psicanalistas, para além da legítima defesa, e nos perguntamos o que temos feito de nossas práticas.

O *Libération* indaga como se chegou a essa situação, uma vez que os psicanalistas detinham praticamente todos os postos de poder na Universidade e nos serviços de psiquiatria há pelo menos uma dezena de anos. Em um artigo para o periódico, o psicanalista Serge Tisseron ensaia uma resposta: uma vez que a psicanálise é a ‘ciência do inconsciente’, os psicanalistas se centraram na descoberta dos significados inconscientes. E com isso, ignoraram, para não dizer desvalorizaram, tudo que diz respeito a outras funções do psiquismo, precisamente aquelas que Freud atribuiu ao pré-consciente e ao consciente, como o aprendizado e as capacidades de atenção e de concentração. Resultado: uma incapacidade para compreender os aspectos da vida psíquica que têm sido revelados como muito importantes nos últimos tempos: o lugar dos traumatismos cujo impacto não se

pensa em termos de inconsciente, o lugar do corpo e a importância das imagens como modo de simbolização.

Em uma entrevista no *Nouvel Observateur*, de 18 de abril, a psicanalista Elisabeth Roudinesco e o filósofo Alain Badiou afirmam que os psicanalistas têm que encontrar um meio de satisfazer a nova demanda, das novas doenças, que lhes é endereçada sem ceder ao neo-positivismo. Porém, eles estão imóveis, presos em querelas internas quando precisariam dar um passo à frente! Roudinesco lembra que os psicanalistas não têm que se postar como policiais da boa conduta em nome do complexo de Édipo. Ela aponta que, atualmente, esqueceram-se da questão política, ocupam a grande mídia fazendo diagnósticos públicos, tornando-se estetas assépticos, desengajados da sociedade.

O *Figaro*, apesar de bater duramente na psicanálise, com títulos como “autismo: a neurobiologia descredita a psicanálise”, mostra um tom favorável a Marie-Christine Laznik e a traz como uma profissional aberta às descobertas atuais, partidária de uma intervenção precoce nesses casos. Ela diz que “as mães não têm nada a ver com a origem do autismo”.

Roudinesco novamente, em artigo do *Nouvel Observateur*, afirma ser “inaceitável que se continue a dizer, como o fazem um bom número de psicanalistas, que o autismo seria a consequência do comportamento de mães frígidas, frias ou que se portem como se fossem a mandíbula de um crocodilo prestes a devorar sua cria. Só podemos nos indignar com essas falas, sem porém sustentar soluções miraculosas como preconizam os adeptos mais selvagens do tratamento comportamental.”, diz ela.

O debate segue quente e há um abaixo-assinado, redigido por psicanalistas e profissionais indignados com essa situação, encontrado no site www.lacanquotidien.fr e que já conta com a assinatura de mais de 40 instituições. Reproduzo abaixo alguns trechos dele:

“Nós, profissionais da saúde, pais de crianças portadoras de TED/TSA*,

professores, pesquisadores, intelectuais, educadores, e todos os membros da sociedade civil aí concernidos, pedimos que o autismo, a grande causa nacional do ano de 2012, pare de ser o troféu da disputa que opõe, de forma estéril, concepções oriundas de conceitualizações de épocas ou de descobertas científicas que entendemos ser divergentes entre si. Somos conscientes de que determinados praticantes da psicanálise sustentaram, no passado, posições que causaram danos, ao darem a entender aos pais dessas crianças que eles próprios seriam os culpados pela doença de seus filhos, adotando uma atitude distante e sem empatia, e propondo intervenções extremamente sutis, enquanto o restante do mundo está de acordo que as medidas para o tratamento dessas afecções devem ser precoces e intensivas. Mas, essa época, em sua maioria, é passado. Por outro lado, a maioria das equipes de psiquiatria infantil, compreendidas aí aquelas que são de formação psicanalítica, construíram, acompanhando muito de perto a patologia autista, dispositivos centrados nas crianças e em seus pais, sem, no entanto, abandonar a reflexão psicanalítica, pelo contrário, aprofundando seus conceitos. É verdade que, em seus primeiros tempos, a psicanálise dedicou-se principalmente à neurose, mas, no que diz respeito ao autismo – e a outras patologias específicas dos primórdios do desenvolvimento – ela construiu novos conceitos, mais adaptados a afecções que dizem respeito a transtornos desse momento de vida, associando aí também outros modos de pensamento, atuais, desde a neurociência, passando pela psicologia do desenvolvimento e pela história das ideias.

Somos igualmente conscientes de que, em um outro extremo, os partidários da erradicação da psicanálise se aproveitaram do ataque para responsabilizar, de modo injusto e excessivo, profissionais que não são de modo algum responsáveis por esses abusos, e insistindo, de maneira inversa àquela dos psicanalistas já citados nesse documento, sobre esse e aquele método como sendo os únicos capazes de trazer uma resposta às grandes e complexas questões postas pelo autismo, tornando-se, por sua vez, questão dos mesmos conflitos estéreis. (...)

(...) Pedimos solenemente, e segundo os princípios intangíveis da liberdade de pensamento que, no caso do autismo e dos demais TED/TDA* sejam respeitados

todos os tratamentos capazes de ajudar as famílias e de aliviar seus sofrimentos e de seus filhos, e de respeitar sua dimensão de seres de relação. (...)

(...) Pedimos aos pesquisadores, tanto da área da genética e das neurociências, quanto das ciências humanas e clínicas, que auxiliem os demais profissionais a integrar o resultado de suas pesquisas às práticas desses últimos e que contribuam ao debate geral com suas expertises específicas, guardando a devida neutralidade para além do perímetro de suas competências particulares. (...)

(...) Pedimos, enfim, aos políticos, que devem organizar os quadros dentro dos quais esses tratamentos serão realizados, de não interferir na seara das competências profissionais, mas de auxiliar a melhora das condições nas quais os portadores de TED/TDA* são tomados em tratamento atualmente e o serão amanhã, permitindo não somente integrar as diferentes pesquisas disponíveis ou em desenvolvimento, mas de o fazerem sem esquecer que a qualidade da relação humana que deve cercar essas crianças e seus pais é, em parte, condicionada pelos meios que são disponibilizados ao tratamento do autismo. Será então, sábio e urgente avaliar cientificamente a realidade das respostas trazidas pelos serviços sanitários e médico-sociais, no intuito de precisar o que resta a ser aprimorado ou mesmo mudado, nesse campo complexo, muito mais do que se ater a clichês caricatos e aproximativos.”

Todos os textos foram traduzidos pela autora.

Fontes de pesquisa: textos dos periódicos abaixo, compreendidos entre janeiro e maio de 2012.

www.lefigaro.fr

www.lemonde.fr

www.liberation.fr

www.lenouvelobservateur.fr

***TED: troubles envahissants du développement (transtornos invasivos do desenvolvimento)**

***TDA: troubles déficitaires de l'attention (transtornos deficitários da atenção)**

confira!

cinema

TETRO

direção de Francis Ford Copolla.

EUA/Itália/Espanha/Argentina, 2009 – 127 minutos

Vincent Gallo, Alden Ehrenreich, Klaus Maria Brandauer, Maribel Verdú, Carmen Maura

José Carlos Neves Machado¹

Podemos esquecer quem somos e de onde viemos? O passado insiste em retornar e, na maioria das vezes, quando o faz, vem acompanhado de velhas feridas. As questões familiares, sobretudo na relação do pai com os filhos, é o tema central desse filme de Copolla após duas décadas sem filmar.

A rivalidade entre pai e filho surge na figura tirânica de Carlo Tetroncini, o maestro narcisista interpretado por Klaus Maria Brandauer, que disputa com o primogênito a conquista de uma jovem com um desfecho infeliz. Também a trágica morte de sua mãe e as relações familiares já desgastadas fazem com que o filho mais velho, Ângelo, vá se refugiar em Buenos Aires, trabalhando como iluminador de peças de teatro. Na tentativa de esquecer o passado, muda de nome, aparentemente tentando se re-inventar. Curiosamente adota o nome de Tetro, uma alusão ao nome de família (Tetroncini). Talvez na esperança de re-escrever a própria história, não se afasta do nome original, salientando com isso que temos, de um modo ou de outro, de nos ater com as nossas questões, que sobrevoam, mas que, insistentemente, teimam em nos importunar, ou como diria Guimarães Rosa: “a gente vive, é mesmo para se desiludir e desmisturar” (in, Grande Sertão Veredas); a grande dificuldade talvez seja mesmo “sair dessa mistura” sem perder a sua própria identidade. Esse viés delicado é evocado na conflitante relação do pai com o filho, que aparece nas lembranças propositalmente coloridas, contrastando com o presente monótono e monocromático.

confira!

Inesperadamente, surge em sua vida reclusa seu meio irmão Bennie, cobrando do irmão mais velho a promessa feita de que um dia voltaria para resgatá-lo do ambiente familiar, e que nunca cumpriu. Esse encontro interfere em sua rotina de escritor fracassado e recluso que vive ao lado de sua mulher Miranda. A visita indesejada faz com que Tetro se torne mais amargurado, desejando que o irmão e tudo o que ele evoca saiam o mais rapidamente possível de sua vida. Contudo, Miranda se entenece por Bennie, que revela o que conhece sobre Ângelo, inclusive colocando-o em contato com o livro que o marido jamais publicou e que revela muito de seu passado.

Os personagens masculinos Carlo, Ângelo e Bennie evidenciam em suas relações a demarcação da função simbólica do pai, naquilo que diz respeito à existência de uma parcela do Pai real, que determina uma das bases mais fundamentais da clínica psicanalítica; partindo da edificação do pai simbólico a partir do pai real se constrói toda a dinâmica da discussão edipiana e suas consequências psíquicas que passam então a surgir. Os filhos buscam essa baliza e a figura do pai simbólico e tirânico paira sobre eles convocando ao enfrentamento.

Após longo intervalo, Copolla volta à cena em um belo filme preto e branco, com belíssimas imagens do bairro La Boca e da Patagônia argentina, nas quais as cores surgem nas reminiscências dos personagens. A trilha sonora é um capítulo a parte, *Sapatinhos Vermelhos*, da obra *Os Contos de Hoffmann*, na versão de Jacques Offenbach, surgindo como uma bela coreografia nas lembranças do personagem ao se recordar de sua mãe, cantora lírica.

confira!

Espaço psicanálise

LIVRO

“Os três tempos da Lei. O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical.”

De Alain Didier Weill. Jorge Zahar Editora, 1998

Juliana Gomes Pereira¹

Alain Didier Weill é psicanalista e psiquiatra francês. Escreveu vários livros, peças de teatro e filmes, foi professor nos Seminários de Lacan (1975/1976/1980) (fonte: Wikipedia). Dentre os seus principais livros estão: “O fim de uma análise, Finalidade da Psicanálise”; “Inconsciente freudiano e Transmissão da Psicanálise” e “Quartier Lacan”.

Vencedor do Prêmio Édipo de 1996, conferido ao melhor livro de psicanálise do ano publicado na França, *Os três tempos da lei* surpreende pela originalidade e pela riqueza de sua abordagem da teoria psicanalítica. Fruto de longo diálogo com a obra de Lacan, neste trabalho Didier-Weill interroga o estranho objeto da experiência freudiana: a fala.

Trabalha, minuciosamente, a questão do espanto, da sideração - Verblüffung –mas também se refere ao chiste. Baseando-se no inconsciente, Freud também descobre a função de um significante que tem o poder de introduzir no discurso uma ruptura que se oferece ao sujeito como um apelo injuntivo para que mude de discurso, para que passe, usando esta contribuição fundamental de Lacan, do discurso universitário – ao qual estamos todos habituados – ao discurso analítico (Tourinho, 2011).

O apelo é portanto para que seja possível uma entrega, ainda que momentânea, ao espanto, ao que é apresentado. Essa ruptura introduzida no discurso, esse desconcerto descoberto por Freud desde o seu trabalho sobre os sonhos, é para Didier-Weill a escansão, tão ressaltada por Lacan. É a entrega para um saber novo.

Permite-se o advento de “um não saber ainda”. Propõe que a tomada da palavra pelo sujeito vai se dar em três tempos, sendo cada um desses tempos associados a um mandamento superegóico.

Assim, em um primeiro momento teríamos um superego que é definido pelo autor como um Superego arcaico, que pretende introduzir o sujeito a um silêncio absoluto, tendo como tradução de sua injunção o imperativo: “Nem uma palavra!”. Se o sujeito perde sua palavra, por não poder dizer “não” a esse imperativo absoluto, ele se confronta com este superego que se manifesta na fala do sujeito a partir do enunciado: “Você é apenas isso, nada além disso”.

Diante da insistência do sujeito em tomar para si a palavra, ele se confronta, num segundo momento, com o superego da censura, cujo imperativo seria: “Não insista” neste dizer. Nesse momento, o sujeito deve insistir em sua fala, podendo esta ser autorizada por ele, ou não. Aqui pode-se observar o dito sem autorização através do chiste e do lapso. No lapso há um dizer sobre um desejo que ele não consegue aceitar e produz a vergonha e assim, o autor refere que o lapso é o efeito de uma insistência interrompida pela censura. Por outro lado, no chiste o sujeito está implicado em sua fala. Ele assume um desejo inconscientemente e a resposta do outro é dada através do riso, reconhecimento desse desvelamento do sujeito.

A transgressão ao superego da censura leva o sujeito ao terceiro mandamento do superego: “Vai perseverar?”. Há uma faceta ética do superego que exige que o sujeito opte entre se autorizar e perseverar em sua fala ou desistir. A insistência do sujeito em sua fala, substituindo a ordem superegóica pela ordem simbólica ao falar e confirmar seu dito, leva o sujeito a se deparar com a angústia que agora pode surgir uma vez que não tem mais o censor para barrá-la. É nesse momento de sideração, ao qual o sujeito se vê remetido pela ausência do censor, que ele vai poder tentar articular um desejo que não se desdiga, optando pelo caminho da desideração que o leva ao encontro do desejo (Piquet, 2011).

A prática analítica nos mostra que o sintoma vem funcionar justamente

como um superego arcaico, no sentido que impede o sujeito de tomar para si a palavra, impedindo-o de se expressar (Nem uma palavra!). O sintoma vem no lugar do desejo, reduzindo o sujeito à sua própria expressão: “Você é apenas isso, nada além disso”.

O sujeito busca a análise a fim de decifrar o seu sintoma. O analista, por sua vez, poderá ajudá-lo a atravessar os três mandamentos através da transferência. O sujeito pode simbolizar, através do bem-dizer de seu sintoma e da entrega à sideração, que será a entrada no gozo. O espanto é o caminho que permite um acesso à de-sideração: quando a mensagem faz sua escansão, interrompe o gozo do Outro e aguarda o advento de uma nova fala.

A ascendência da denegação somente acontece quando a sideração produz para o sujeito do inconsciente um desvelamento transferencial do “Ele”, com redobramento do “eu sei que ele sabe”. Trata-se da necessidade de quatro tempos para produzir uma sideração da qual o sujeito pode sair ou não. Sobre a recusa, o autor nos oferece o exemplo do menino que plagiou uma redação conhecida por todos na sala e manteve a negação do plágio diante de todos. Apesar de todos saberem que ele estava mentindo “Ele sabe (que eu sei (que ele sabe (que eu sei)))”, não confessou.

Este livro pode parecer bastante confuso quando apresentado de forma tão resumida. No entanto, trata-se de uma leitura bastante interessante que agrega muitos conceitos lacanianos e um olhar interessante sobre a palavra, o discurso, a autorização para o mal e o bem-dizer dos sintomas através dos supereus, assim como os caminhos de saída através dos lapsos e chistes e outros desvelamentos. Uma resenha mais completa deste livro foi elaborada como trabalho do seminário de Lacan do terceiro ano do curso de especialização em Psicanálise da Criança e me foi muito útil na apreensão de diversos conceitos lacanianos, principalmente, neste momento de formação analítica.

Referências bibliográficas:

DIDIER-WEILL, ALAIN. **Os Três tempos da Lei. O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DIDIER-WEILL, A. Wikipedia. Disponível em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Alain_Didier-Weill.

PIQUET, G.J.C. **O lugar do analista.** Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Acesso em 2011. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:xSILq-jjxOQJ:www.convergenciafreudlacan.org/web_files/download/bibliotecas/files/II_O-LUGAR-DO-ANALISTA-doc-214.doc+alain+didier+weill+os+tres+tempos+da+lei&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgzbRlf4G0so6-kQY2OosWeZO8yMNSCKTwvc71uG733YP8CyuE_LqT-V0c5KcEhtBXorK92o65RTJfLHXigFBATcj0a2NDHIGET6RAypd3Y9yCJU0vAbPqLjCS3R4x78TaGeFnw&sig=AHIEtbRbxnzpWCsyi7ONPptltsnFoXtmRQ

TOURINHO, R.S. De que avanço se trata? Acesso em 2011. Disponível em: <http://convergencia.aocc.free.fr/texte/sarmento-p.htm>

Para continuar a conversa: jugope@gmail.com

Saiba onde e como nossos membros têm trabalhado no campo psicanalítico para além do Departamento, no ano de 2012.

// Bernardo Tanis

No XIV SIMPÓSIO DO NÚCLEO DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, 10-12 maio,

- Apresentou a Conferência: **Psicanálise de Crianças e Adolescentes: Histórias Contadas, Histórias Construídas**;
- Participou, como debatedor, da **Supervisão Coletiva**, com apresentação de Marlene Silveira Araujo (SPPA) e coordenação de Nara Amália Caron (SPPA);
- Participou, como debatedor, do **Diálogos: Pensando a Clínica Psicanalítica com crianças e adolescentes**, que teve como debatedores também Eneida Iankilevich (SPPA), Mariano Horenstein (APC) e coordenação de Anette Blaya Luz (SPPA);
- Apresentou na Oficina **Desafios éticos na psicanálise com crianças**, com coordenação de Emilio Salle (SPPA);
- Publicou no Jornal de Psicanálise, V. 44, nº81, PP.17-35, o debate “Os tempos da Psicanálise”, com Ana Maria Azevedo, Antonio Sapienza.

// Ada Morgenstern e Adela Stoppel de Gueller

- Publicaram o artigo “Reprodução assistida e constituição subjetiva dos filhos múltiplos”, na Revista Pediatria Moderna – vol XLVIII – no. 6 - junho 2012.

// Denise de Sousa Feliciano e Audrey Setton Lopes de Souza

- Apresentaram o trabalho intitulado “A BUSCA PELA BOA MÃE: A

AMAMENTAÇÃO COMO DEPOSITÁRIA DAS ANGÚSTIAS NO EXERCÍCIO DA MATERNIDADE” em 05 de maio, na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescentes: Novas perspectivas, promovida pelo Instituto de Psicanálise da SBPSP;

- Publicaram o artigo “PARA ALÉM DO SEIO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA PAIS-BEBÊ A PARTIR DE DIFICULDADES NA AMAMENTAÇÃO”. Jornal de Psicanálise – Instituto de Psicanálise SBPSP, v.44, n.81, dezembro de 2011.

// Denise de Sousa Feliciano

- Apresentou a palestra “Vínculo entre mãe e filho e a amamentação” em 08 de maio, na XV Jornada da Liga de Aleitamento Materno (LIAMATER) da Faculdade de Medicina UNILUS – Santos – SP.

// Sandra Tschirner

- Apresentação do trabalho “O risco de supermedicalização em Saúde Mental”, no II Congresso Latino Americano da Society of Risk Analysis of Latin America (SRA-LA), em Bogotá, Colômbia, em 10 de Abril.

// Adela Stoppel de Gueller e Alessandra Cassia Leite Barbieri

- Foram as revisoras do texto “Fetichismo em Estado Nascente”, de Alexander S. Lorand e tradução de Ana Beatriz Albernaz, publicado na Revista Associação

Psicanálítica de Curitiba, nº23, 2011, pp 55-64.

// Adela Stoppel de Gueller

- Escreveu o artigo “Atendimento psicanalítico de crianças”, para a revista Viver Mente&Cérebro Especial, 2012.

// Denise Steinwurz

- Participou do IV Congresso Paulista de Psicossomática realizado em São Paulo nos dias 20 e 21 de abril de 2012, e recebeu o prêmio referente ao Concurso “Psicossomática e Interdisciplinaridade” com a dissertação de mestrado “Doença de Crohn e Repercussões Emocionais: um Estudo Clínico”.

// Magaly Miranda Marconato Callia

- Participou em 04 e 05 de maio da II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescentes: Novas perspectivas, promovida pelo Instituto de Psicanálise da SBPSP, comentando o filme “Babies” (documentário que apresenta a experiência de 4 bebês com suas mães advindos de 4 culturas diferentes, Japão, Mongólia, Estados Unidos e África).

// Magaly Miranda Marconato Callia e Audrey Setton Lopes de Souza

- Apresentaram o trabalho intitulado “A intervenção precoce em situações de

dificuldades alimentares: Criando condições de comunicação: O atendimento a uma família com dificuldades na troca alimentar.” na **II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescentes: Novas perspectivas, promovida pelo Instituto de psicanálise da SBPSP, em 05 de maio.**

// Lia Pitliuk

- Participou como comentadora no encontro Interloquções, chamado “A transferência na psicanálise com crianças”, promovido pelo Espaço Potencial Winnicott, do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, em 25 de abril.

// Mariângela Mendes de Almeida

- Participou como co-organizadora do livro “Looking and Listening - Work from the São Paulo Mother- Infant Relationship Study Centre with a Supervision Seminar by Esther Bick”, com Marisa Mélega e Mariza Leite da Costa, publicado pela editora Karnac, Londres, 2012;
- Apresentou o trabalho “Construindo vínculos: cenas do trabalho analítico com os transtornos autísticos” na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, em maio;
- Apresentou o trabalho “Grupo de atendimento a pais e bebês: um ninho para o desenvolvimento da parentalidade”, juntamente com Ida Bechelli, na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, em maio;
- Apresentou o trabalho “Perspectivas e demandas para o olhar analítico junto a grupo de profissionais em UTI Neonatal”, juntamente com Alexandra Huebner

- Giorgi e Veridiana Chimirri, na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, em maio;
- Coordenou a Mesa Redonda “Desafios da Adoção” na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, em maio;
 - Apresentou o trabalho “A clínica 0 a 3 em ambulatório”, na ONG Habitare, em abril.

// Maria Cecília Pereira Silva e Magaly Miranda Marconato Callia

- Publicaram “¿QUÉ ES LO QUE HAY AHÍ DENTRO? Relato de una intervención precoz”. *Psicoanálisis*. Volumen XXIII No.1, Enero-Junio de 2011. p.45-54.

// Maria Cecília Pereira Silva

- Publicou “O despertar da sensualidade sobre o processo analítico com um jovem”. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*. 2011, v.29, p.91-104;
- Publicou o livro *A Construção da Parentalidade em Mães Adolescentes - Um modelo de Intervenção e Prevenção*. Curitiba: Honoris Causa, 2011, v.1. p.200;
- Apresentou o material clínico em mesa redonda com Nilde Parada Franch e Stella Yardino, na II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas. SBPSP;
- Apresentou “Embalando o sono”, no Painel sobre Intervenção: Intervenção: clínica de 0 a 3 do XIV Encontro de Intercâmbio Interregional: Psicanálise de Crianças e Adolescentes - Desafios Clínicos;
- Coordenou a mesa redonda: “Comentário sobre o filme Babies” com os comentários

de Magaly Miranda Marconato Callia e Teresa Rocha Leite Haudenschild, durante a II Jornada de Psicanálise de Criança e Adolescente: Novas Perspectivas, na SBPSP, 4 e 5 de maio;

- Realizou oficina sobre: “A sexualidade nas brincadeiras das crianças”, ministrado no Ciclo de Encontros Temáticos da ABBrinq – Associação Brasileira de Brinquedotecas, para brinquedistas e outros profissionais que atuam em brinquedotecas;
- Proferiu palestra “Desfraldamento”, destinada aos pais e educadores da Escola de Educação Infantil Espaço Brincar, em 30 de março.

// Flávia Blay Levisky

- Apresentou o trabalho “O TDAH e o lugar da demanda na psicanálise com crianças”, na II Jornada de Criança e Adolescente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de SP, em 05 de maio.

// Márcia Regina Porto Ferreira

- Deu seminários clínicos, no CEP, nos dias 21 e 28 de maio e 04 de junho;
- Ministrou aula no curso da ONG Habitare no dia 02 de junho;
- Apresentou um caso sobre encoprese, no encontro clínico do Departamento, no dia 29 de junho.

Conversas, Interloquções

Por Luciana Godoy e Ana Luisa Cordeiro,
pela Comissão do Interloquções

Em junho de 2012, o Interloquções - Espaço Potencial Winnicott completa três anos de atividades. É um espaço aberto de discussão sobre o pensamento de Winnicott, de autores que com ele dialogam e as questões implicadas na psicanálise com crianças. Seu objetivo é proporcionar a troca de experiências entre os profissionais aqui do Sedes e de outras instituições, bem como aqueles que desenvolvem trabalhos clínicos e/ou teóricos criativos e de relevância para o incremento do nosso trabalho.

Seu funcionamento compreende uma comissão organizadora horizontal e rotativa. Dividimos as funções de acordo com o conhecimento e a experiência de cada um. Os membros dessa comissão fazem parte do Espaço Potencial Winnicott e se candidatam voluntariamente para ajudar na organização. No momento, fazem parte da comissão: Ana Cristina Bueno, Ana Luisa Cordeiro, Lilian Finkelstein, Luciana Cerdeira, Luciana Godoy e Magaly Miranda Marconato Callia. Contamos ainda com o apoio permanente de Angela May, atuante desde o início do projeto, que nos representa junto ao setor no qual estamos alocados, Clínica e Pesquisa.

Há um ano, esse encontro vem acontecendo bimestralmente, colocando em contato analistas e profissionais que conversam sobre algum aspecto do nosso campo de interesse. O público é convidado a participar. As anotações dos diálogos feitas por colegas são coletadas e articuladas num texto para nosso registro. É um desses encontros que gostaríamos de compartilhar.

O último *Interloquções* de 2011, realizado em 26/10, constituiu uma interlocação de fato, ou seja, uma conversa livre e prazerosa entre Mirna Pinsky, Irmgard Birmoser M. Ferreira e os participantes que assistiram ao evento. Tanto que fomos motivados a escrever este relato, procurando manter a forma viva do conteúdo apresentado e a da interlocação que se fez.

CONVERSA SOBRE CRIAÇÃO

Estratégias que Mirna Pinsky, autora de livros infantis e juvenis, desenvolve na busca de criar textos divertidos e prazerosos para seus leitores. Nesse depoimento, a autora retoma momentos de seu percurso pessoal de ligação com a Literatura e insinua alguns dos ganhos que a convivência com a palavra escrita lhe trouxe. A fala pretende lançar acenos para um diálogo com psicanalistas, que venha a ser enriquecedor para ambas as partes.

Apresentadora: MIRNA PINSKY é formada em jornalismo pela faculdade de jornalismo Cásper Líbero e mestre em Teoria Literária pela USP. Publicou 45 livros, entre infantis e juvenis. Ganhou vários prêmios, entre eles dois prêmios Jabuti em 1981 e 1995.

Comentadora: IRMGARD BIRMOSER DE MATOS FERREIRA é psicóloga clínica, mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP), professora no curso “Winnicott em Brasília”, professora no curso “Winnicott: Experiência e Pensamento” no Instituto Sedes Sapientiae, membro do Depto. de Psicanálise da Criança deste Instituto, participante do Laboratório de Estudos de Transicionalidade (LET/PUC-SP) e do PROFOCO – Programa de Formação Continuada com o Prof. Dr. Gilberto Safra.

Mirna proporcionou um encontro vivo e, ao descrever seu processo de criação literária, mostrou-se uma pessoa criativa que inventa e reinventa seu fazer. Finalizamos o ano com chave de ouro, ao longo do qual o tema da criatividade foi intensamente discutido.

Os comentários de Irmgard foram apresentados através da leitura de um belíssimo texto escrito sobre o trabalho de Mirna, no qual ela buscou relacionar os elementos do processo criativo da escritora com alguns conceitos de Winnicott, entre os quais a importância da experiência da criação do mundo pelo bebê (a experiência de ilusão dada na relação mãe-bebê), o sentimento de identidade forjado a partir dela, o objeto transicional, o uso do objeto e diferentes aspectos do tema da

criatividade na teoria winnicottiana.

Para introduzir sua percepção acerca de seu processo de criação, Mirna citou o poeta Manoel de Barros: “tudo o que invento dos outros, é de mim que estou falando”. Ela ‘mergulha’ em uma história de outrem e sente que esta passa a fazer parte dela. A relação eu-outro em sua criação poderia ser traduzida pela ‘posse’ do outro o qual, tal o objeto transicional, é e não é o outro, é e não é ela própria. De forma semelhante, relaciona-se com autores brasileiros e estrangeiros que foram fundamentais para sua história de vida e, conseqüentemente, importantes influências ao criar suas histórias. Conta que se apoderava das palavras novas, das sintaxes, da gramática, elementos que passavam a fazer parte dela, constituindo seu processo criativo, bem como sua identidade de escritora.

É a experiência viva da autora que move seu processo, pois, quando se propõe a escrever uma nova história, esta não está pronta a priori, sente que uma “intuição avisa que ali parece ter algo curioso ou divertido para ser escrito”. E escrever, para Mirna, tem de ser prazeroso tanto para quem vai ler, quanto para ela que escreve. Em vários momentos, refere-se à ideia do inédito: a história e a escrita devem ter um ar fresco e novo. Considera importante que a história seja leve, divertida, que tenha um “aceno poético” e que, fundamentalmente, sintonize-se com o mundo da criança. Irmgard brinca com os conceitos, reconhecendo nela uma escritora suficientemente boa, devotada ao seu leitor, pronta a se adaptar a ele.

Seu processo não é linear. Apesar de declarar não sentir qualquer incômodo diante da folha em branco, muitas vezes, histórias começam a ser escritas e depois ficam “emperradas”, algumas delas, indefinidamente, em seu computador. Outras, porém, “desemperram” em algum momento, são retomadas ou passam a fazer parte de novas histórias; ou, ainda, o próprio processo de desenvolvimento e amadurecimento pessoal da autora a ajuda, tempos mais tarde, a trazer eventos novos e possibilita a sequência da história interrompida. “A roda do mundo faz girar as idéias”, ela diz, numa afirmação inequívoca de um processo vivo, afinado com sua contínua e sempre mutável experiência no mundo.

Ao refletir sobre o uso que as crianças têm feito da literatura na atualidade, a autora confessa não ter muitos elementos para avaliar, pois elas são “pouco prolixas”. O fato é que dependem da ajuda dos adultos. No entanto, em grande parte das escolas em que trabalha, percebe que os professores não estão capacitados a transmitir o amor pela leitura. Lamenta que, em sua maioria, façam uso do encarte preparado pelas editoras para que os alunos respondam as perguntas quase que mecanicamente. Além da atuação nas escolas, Mirna contou que está envolvida em um projeto social para crianças de escolas públicas que visa facilitar um processo anterior ao gosto pela leitura: desenvolver a alfabetização através de recursos digitais.

A importância do ilustrador nos livros infantis foi outro assunto abordado, trazendo o tema da relação entre o verbal e o não verbal, tão caro ao universo da criança, através da sintonia entre o texto e a ilustração. Mirna contou como se emociona com os desenhos criados por alguns ilustradores de seus livros, e como se surpreende com a maneira sensível com que parecem captar as minúcias de suas histórias. A liberdade concedida ao ilustrador configura mais um âmbito da criação nos livros infantis.

O desenrolar da conversa levantou ainda uma outra questão: compondo um paralelo possível entre a criação do mundo pelo bebê (a experiência de ilusão) e a criação literária que se serve predominantemente da imaginação, e dado que o bebê cria movido por sua necessidade, o que move a autora, o que a leva a escrever? Mirna conta que escreve desde a infância e que ainda possui seus diários de menina. Numa extensão de sua escrita infantil, com seus livros, ela busca se comunicar e dar uma forma a essa comunicação – “sempre de maneira divertida”, ela insiste. Escreve porque escrever lhe dá prazer, está mergulhada numa “zona sem conflitos”. Por que não dizer, mergulhada na transicionalidade?

organograma

Componentes do Departamento de Psicanálise da Criança Gestão 2010/2012

Coordenação Geral: Maria Dias Soares do Amaral

Setor Extensão	Coordenação de Elsa Vera Post Susemihl
Setor Cursos	Coordenação Maria José Porto Bugni (Mazé)
Setor Divulgação	Coordenação Alessandra Barbieri
Setor Clínica e Pesquisa	Coordenação Adela Stoppel de Gueller
Setor Eventos	Coordenação Fernanda Arantes
Setor Comunicação e Publicações	Coordenação Alessandra Barbieri
Tesouraria	Responsável Fernanda Arantes
Secretaria	Atualmente sem responsável

A Coordenação Geral (CG) do Departamento é formada pelo coordenador do Departamento, pelos coordenadores dos setores, pelo responsável pela tesouraria e pelo responsável pela secretaria. A reunião dos componentes da CG acontece toda terceira sexta-feira do mês.

O BOLETIM está aberto a receber:

- Artigos para ENSAIO
- Dicas culturais e psicanalíticas (resenhas, filmes, exposições, eventos, etc) para CONFIRA!
- Notas de participação para EM FOCO
- Resenhas de obras psicanalíticas de todos os tempos para o CONFIRA!

Espaço Clássicos da Psicanálise

- Textos para o PSICANÁLISE MUNDO AFORA.
- Notas de participação para o EM FOCO.

Envie para aleclb@uol.com.br

Coordenação Geral

Maria Dias Soares do Amaral (md.soares@terra.com.br)

Clínica e Pesquisa

Adela Stoppel de Gueller (adelastoppel@terra.com.br)

Lia Pitliuk (lia8@uol.com.br)

Ângela May (angelamay@uol.com.br)

Luciana Godoy (lucianagodoy@hotmail.com)

Luciana Cerdeira (luciana.cerdeira@uol.com.br)

Comunicação e Publicações

Denise de Sousa Feliciano (denisefeliciano@uol.com.br)

Alessandra Barbieri (aleclb@uol.com.br)

Fernanda Colucci Fonoff (fincolucci@gmail.com)

Julia Eid (jueid@hotmail.com)

Curso

Mary Ono (onomay@hotmail.com)

Ada Morgenstern (ada.morgenstern@gmail.com)

Adela Stoppel de Gueller (adelastoppel@terra.com.br)

Audrey Setton L. de Souza (asetton@uol.com.br)

Bernardo Tanis (tanis@uol.com.br)

Elsa Vera Kunze P. Susemihl (esusemihl@gmail.com)

Lia Pitliuk (lia8@uol.com.br)

Magaly Miranda Callia (magaly.mm@uol.com.br)

Marcia Regina Porto Ferreira (mrpf@sti.com.br)

Maria Dias Soares do Amaral (md.soares@terra.com.br)

Maria do Carmo V. M. Dittmar (Lila) (lilavidigal@terra.com.br)

com.br)

Maria José Porto Bugni (bugni@uol.com.br)

Divulgação

Alessandra Barbieri (aleclb@uol.com.br)

Julia Eid (jueid@hotmail.com)

Ana Cristina Bueno (krisalida@uol.com.br)

Eventos

Ada Morgenstern (ada.morgenstern@gmail.com)

Fernanda Ferrari Arantes (fe.arantes@uol.com.br)

Flávia Blay Levisky (flavialevisky@gmail.com)

Julia Eid (jueid@hotmail.com)

Leonor de Carvalho Franco (vaz_franco@uol.com.br)

Ligia Paula Silver Rabinovitch (ligiasilber@hotmail.com)

Maria do Carmo V. M. Dittmar (Lila) (lilavidigal@terra.com.br)

Maria Engracia Garcia Perez (mariaengracia_gra@yahoo.com.br)

Patricia Fraia (pat@fraia.com.br)

Extensão

Elsa V. Kunze P. Susemihl (esusemihl@gmail.com)

Audrey Setton L. de Souza (asetton@uol.com.br)

Mary Ono (onomay@hotmail.com)

Adela Stoppel de Gueller (adelastoppel@terra.com.br)

Magaly Miranda M. Callia (magaly.mm@uol.com.br)

Afranio de Mattos Ferreira (afraniodematos@uol.com.br)

Secretaria

Atualmente sem responsável

Tesouraria

Fernanda Arantes (fe.arantes@uol.com.br)

O BOLETIM É EXCLUSIVO PARA MÊMBROS DO DEPARTAMENTO E ALUNOS EM FORMAÇÃO NO CURSO DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA

O Boletim mantém o conteúdo original dos textos recebidos, com respeito ao estilo pessoal dos seus autores.